

A busca do religioso em Kierkegaard

The search for the religious in Kierkegaard

Adenilton Moises da Silva

(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Resumo

O presente artigo busca inquirir alguns elementos do pensamento kierkegaardiano, quando este trabalha, em sua problemática religiosa, a ideia do “tornar-se cristão”. Conceito caro a este autor, e sobre o qual, faz todo um discurso religioso a partir de uma análise antropológica do religioso e seu envolvimento pessoal. Com isso, busca-se revisitar as origens cristãs da religião e seu respaldo na edificação antropológica. Pretende-se, então, apresentar a crítica à filosofia moderna vigente, que abordava o sujeito como um indivíduo pensante e Deus preso a uma ideia absoluta, adquirida pelo pensamento lógico.

Palavras-chave: Indivíduo. Religião. Deus. Tornar-se.

Abstract

This article seeks to investigate some elements of Kierkegaardian thinking, when he works, in his religious problematic, the idea of “becoming a Christian”. A concept dear to this author, and on which he makes a whole religious discourse based on an anthropological analysis of the religious and his personal involvement. With this, we seek to revisit the Christian origins of religion and its support in anthropological edification. It is intended, then, to present the criticism to the current modern philosophy, which approached the subject as a thinking individual and God bound to an absolute idea, acquired by logical thinking.

Keywords: Individual. Religion. God. Become.

1 Introdução

Entender a antropologia kierkegaardiana é um movimento do conhecimento, necessário para aproximar a ideia cristã de homem com a noção existencialista da filosofia. Duas abordagens que se entrelaçam a partir dos pressupostos desse autor, que funda ao seu modo, os pilares constituintes do cristianismo e das condições que levam um indivíduo a tornar-se cristão. Sendo o cristianismo, a religião predominante na Dinamarca, no tempo de Kierkegaard, a “paixão pela qual se vale apenas viver”, vendo os problemas conceituais, nos quais colocaram a religião cristã, esse autor apresenta os equívocos das compreensões elaboradas pelos acadêmicos de sua época, tratando a religião como uma filosofia da religião, explicada por conceitos e ideias abstratas, ao nível de uma abordagem racional, onde a razão se apresenta como conhecimento absoluto e explicativa de toda a realidade¹. Sendo, ela, capaz de esclarecer toda a realidade, por ser esta conhecível e uma relação direta com o sujeito, a razão assume o paradigma, segundo o qual, o real é conhecível, e o conhecível é real. Dessas explicações conceituais, de modo veemente, apoderou-se a teologia vigente. Isso significa dizer, houve duas pretensões, a primeira foi apresentar o cristianismo como um dado histórico. A segunda foi a tentativa de provar a existência de Deus a partir do intelecto. E assim, de modo geral, chegar à essência de uma religião em termos universais.

¹ Na obra *Ou - Ou: um fragmento de vida* - segunda parte (2017), Kierkegaard apresenta uma crítica a filosofia moderna, quando está, na pessoa, sobretudo, de Hegel, busca anular o princípio da contradição, tema caro ao pensamento kierkegaardiano, tanto na elaboração da existência, quanto na religião. (Cf.: páginas 181 em diante da referida obra).

2 Tornar-se indivíduo

Além desses problemas apresentados, Kierkegaard investigou o modo de ser cristão dos seus concidadãos (STEWART, 2017). Encontrou uma disparidade relevante entre a profissão de fé e o modo de ser. Se professa com os lábios, mas o comportamento difere do testemunho deixado pelo “o deus” e seus discípulos, sobretudo, a condição de morrer para a trivialidade das coisas secundárias da vida, como por exemplo, tratar da aparência de ser cristão ou prender-se aos dogmas eclesiais, que buscam institucionalizar o crente com amarras para lhe conceder o indulto de pertença, mas de fato, não lhe possibilita viver uma fé madura, autêntica, senão, um dogmatismo autoritário.

Investigando os argumentos apontados por Kierkegaard, percebemos uma crítica a esse modo de pensar a religião e ao jeito de ser cristão. Compreender o cristianismo será sua grande labuta filosófica e teológica. Inerente a essa temática, está a problematização que Kierkegaard levanta, o tornar-se cristão. Para dizer algo sobre a essência do cristianismo e sobre a subjetividade, em suas obras, Kierkegaard se colocará como um pensador subjetivo², isso significa dizer que, a verdade da experiência subjetiva religiosa não se dá no campo empírico, onde pode ser explicada, como um evento cultural, histórico ou artístico, pelo contrário, pode-se afirmar que, essas são manifestações exteriores de como o crente relaciona-se no mundo do devir, das relações, porém, como indivíduo subjetivo, ele compreendeu, que é

² A essa pergunta responderemos mediante o pressuposto de que a nossa época tem o desprezo por seres humanos individuais, singulares, subjetivos, porém, cabe ao “pensador subjetivo transformar-se a si mesmo num instrumento que expresse, de modo claro e definido, o humano na existência (KIERKEGAARD, 2016, p. 73).

no tornar-se um crente, experimentando na insegurança da fé, a crença no Paradoxo³, isto é, em Deus, que se consegue dizer algo sobre a verdade subjetiva religiosa. A essência do cristianismo não é uma condição metafísica, uma aura incorpórea. É da mesma condição do crer, pois “essência da fé consiste em ser um segredo, em ser para o indivíduo; se a fé não é conservada como um segredo por cada indivíduo, mesmo quando ele a confessa, então este não crê, de maneira nenhuma” (KIERKEGAARD, 2005, p. 44).

3 Um problema religioso

Havia um problema dramático que Kierkegaard se propôs a enfrentar. Tirar dos altares da Igreja Luterana, dos malabarismos dos sermões que os funcionários do Estado, isto é, os pastores⁴, tidos como fantoches, executavam, a ideia de um cristianismo autêntico. Estes usavam os sermões para ensinarem tagarelices ao povo, ocultando as exigências do cristianismo, que é de ordem teleológica, falando de um deus absolutizado pela razão, e, ao mesmo tempo, a autopromoção de si e do Estado. Vendo essa relação corrupta entre pastores e Estado, não concordando com o discurso que se igualava ao de um sistema filosófico da religião, em vez da pregação do Cristianismo do Novo Testamento, onde se dava a vida pelo Cristo, diante das exigências do mundo, Kierkegaard, então, apresentará sua veemente crítica a esse cristianismo especulativo e sistemático. Pois se prega não o compromisso da fé, mas a fuga da realidade, a partir de

³ Na obra *Temor e Tremor* (1979), no elogio a Abraão, Kierkegaard aprofunda a noção de Paradoxo.

⁴ Cf.: *O Instante*, 2019. Nessa obra, Kierkegaard analisa toda essa questão religiosa, tecendo sua crítica aos pastores luteranos.

um púlpito, que soa como um trapézio, onde fazem malabarismos com a verdade proposta pelo cristianismo, a partir dos Evangelhos⁵.

A tarefa do cristianismo é ajudar o indivíduo a tornar-se um crístico⁶. Isso significa dizer que, a proposta é situar o indivíduo no mundo, para que a transformação de si e da realidade aconteçam. Não é uma fuga do mundo, mas inserido nele, reconhecer seu compromisso transformador. O ser cristão não é uma condição metafísica, uma espécie de santidade privativa, reservada a alguns escolhidos, para serem elevados acima dos demais seres humanos, mas, um modo de ser frente às angústias e esperanças da vida concreta. A dificuldade é que, frente aos interesses individualistas de uma classe social, o ser cristão tornou-se uma paixão desinteressada pela vida concreta, passando a ser uma representação social, uma fantasiosa de condição e destaque. Mas deveria ser o contrário, e Kierkegaard buscou justamente desfazer essa ideia errônea, ao enfatizar que, o cristianismo lança ao homem a possibilidade perante sua existência, isto é, diante do nada, do ser-capaz-de. É possibilidade perante a possibilidade de ser⁷.

⁵ No discurso de 1847, Kierkegaard apresenta com o tema: “Evangelho dos sofrimentos”, um modelo de seguimento dos discípulos do cristianismo, com o exemplo de tomar sobre si sua cruz e seguir o mestre.

⁶ O ser cristão está a ponto de perder o interesse da paixão, e contudo ali se luta pró e contra, a gente argumenta a partir de si mesmo: Se isto não é cristianismo, então eu não sou cristão, o que entretanto, com certeza eu sou; a questão foi revirada de tal modo que a gente se interessa por ser cristão a fim de ser capaz de decidir o que é o cristianismo, não pelo que é o cristianismo a fim de poder ser cristão. O nome “cristão” é usado da mesma maneira com que as pessoas pegavam títulos emprestados – a fim de comparecer à assembléia geral em que o destino dos cristãos é decidido por cristãos que, pelo seu próprio bem, não se preocupam em ser cristãos. – Pelo bem de quem, então, tudo isto é feito? (KIERKEGAARD, 2016, p. 328).

⁷ Esse pensamento está em coerência com a obra *O Conceito de Angústia*, quando Kierkegaard trata angústia como possibilidade perante a possibilidade, quando o indivíduo se vê frente a frente com o vazio, que é o nada, mas que exige uma decisão,

Quais as motivações pessoais do crente de hoje? Diante da proposta do cristianismo atual, qual o interesse despertado nos membros das instituições cristãs é uma grande problemática a ser dita. Ao mesmo tempo, porque, no cenário atual, os indivíduos procuram o cristianismo, será por uma adesão pessoal de maturidade, ou por um interesse terapêutico ou por uma teologia da prosperidade, são outros pontos a serem analisados. Mas antes, é imprescindível revisitar as origens do cristianismo, quando este era uma recusa aos poderes predominante da época de Cristo e dos seus apóstolos, que na contradição da fé e do testemunho, recusavam as forças opressoras, as posições sociais de destaques.

Os ensinamentos do cristianismo, na perspectiva kierkegaardiana, tem o sentido de uma comunicação existencial, portanto, difere de um sistema lógico-filosófico, dos interesses pessoais das instituições. Não são pelos elementos da razão, no intuito de explicar a si mesmo o que é o cristianismo, mas pela contradição da fé, quando ela é o elemento da relação entre o crente e o objeto da sua intenção, neste caso, Deus. A razão como iluminação, tende a rejeitar os pressupostos da fé, por ser ela obscura, contraditória e não sistemática⁸. A princípio, pode ser aceita como um conhecimento imediato, que logo em seguida, poderá ser descartado, pois não garante plausibilidade, não se sustenta em si mesma, por isso, precisa ser iluminada pela razão; a esta é dado o direito de iluminar a realidade pelo conhecimento claro e evidente, mediante suas proposições lógicas.

isto é, ser-capaz-de.

⁸ Assim, o maior paradoxo do pensamento é querer descobrir algo que ele próprio não possa pensar (KIERKEGAARD, 2008, p. 62).

As investigações sobre a realidade tornaram-se um arcabouço interminável. Porém, conclui-se que, tais inquirições sustentadas pelo conhecimento empírico, são capazes, ao serem corroboradas pelos argumentos lógicos, de explicar as coisas e seus funcionamentos, visto que, todo conhecimento é dado pelo objeto, que é interrogado pelo sujeito que pergunta. As causas são todas naturais, suas consequências serão medidas pelos efeitos, os quais podem sofrer interferências das ciências, a fim de, ganharem correções, quando necessário, para o bem comum do Estado, isto é, da sociedade. O que não pode ser cognoscível ao sujeito que investiga é descartado por apresentar contrariedade à razão sistemática. Implica em uma impossibilidade que foge as categorias racionais do sujeito que pergunta pelo objeto, este tem de ser dado na experiência que lhe afeta ao tocar as sensações. O sensível é a garantia de conhecimento, dado no acúmulo da plausibilidade adquirida pelos testes de confiabilidade, aprovada pela racionalidade técnica.

4 Razão subjetiva – consciência de si

Contra esse modo de ver a realidade, Kierkegaard se oporá veemente. Pois, ao se perceber no mundo, dá-se conta de que, não é apenas o conhecimento sistemático que oferece sentido ao indivíduo. Esse tipo de verdade, sustenta realidades imediatas, que hoje, responde a uma parcela da sociedade, mas não responde ao sujeito interior. Quem explica suas dores e angústia? Quem é capaz de dizer quem é homem? Tais questões são subterrâneas, não ditas pela razão objetiva, apenas, pela razão subjetiva, a qual pergunta e responde na subjetividade de cada indivíduo, que se pergunta por si no mundo imediato. Para esse problema existencial,

Kierkegaard encontra na tradição cristã os elementos de respaldos a tal inquietação. Por isso, o cristianismo é uma comunicação existencial. Sua essência é transformar o indivíduo em um ser-capaz-de conviver com as adversidades deste mundo, sem dele fugir, mas possibilitá-lo a superar as controvérsias existenciais.

Deve próprio do cristianismo não a revolta a esse mundo, mas a transformação dele pelo amor, pelo segredo da fé. Sem fugir a realidade, mas encarnado nela, viver sua condição de vir a ser. Desprovido das explicações e seguranças do pensamento lógico, desamparado e sozinho, cada indivíduo tem de enfrentar suas controversas existenciais. É a esse indivíduo solitário e despido que o cristianismo surge, na visão de Kierkegaard, como a condição capaz de salvar para a felicidade eterna⁹. Segundo essa perspectiva, aponta-se a ideia da teleologia tão comum no cristianismo, que já implica na questão da Soteriologia.

Averiguar as essências das coisas é uma questão que domina a vontade humana. Saber a substância que implica na existência de cada realidade move a curiosidade epistemológica. Investigar para questionar ou afirmar é princípio básico do conhecimento. O elemento religioso tem sido ao logo dos anos umas dessas curiosidades investigadas. Sobretudo, quando pensamos em algumas religiões como a judaica, a cristã e islâmica, dadas como reveladas por Deus. Por isso, a partir da intuição kierkegaardiana, surge a inquietação do estudo sobre a essência do cristianismo. O cristianismo apontado

⁹ O cristianismo não pode ser observado objetivamente, justamente porque ele quer levar a subjetividade até seu ponto extremo; quando a subjetividade está, assim, posicionada corretamente, não pode amarrar sua felicidade eterna à especulação (KIERKEGAARD, 2013, p. 62).

por Kierkegaard, e qual é a essência que sustenta a verdade, enquanto compreensão de mundo, dessa religião é uma temática interessante hodiernamente. Antes de se perguntar pelas coisas ou pelo modo delas serem no mundo, devemos compreender quem é esse que pergunta pela realidade, vivendo-a e sentindo suas necessidades de indivíduo? Quem é esse ser no mundo, torna-se a causa primeira a ser compreendida¹⁰. Depois, pensar a essência é decifrar todos os mistérios dessa religião? Essência é apenas um conceito metafísico? Algo que não se pode saber ou experimentar? Em que consiste o cristianismo a partir da “filosofia da religião” e/ou “teologia” kierkegaardiana é um interesse epistemológico, aparentemente infundável.

O estudo sobre o que é o cristianismo em sua essência, sua importância dentro do pensamento kierkegaardiano, e como ele ajuda na construção da subjetividade do sujeito, supõe um trabalho interessante. O cristianismo como uma comunicação existencial apresenta-se numa relação para com o indivíduo, e traz uma novidade à realidade humana, que é compreendê-la em sua interioridade e situando-a no contexto histórico em que se encontra. Pensar o cristianismo, apontado por Kierkegaard, é debruçar-se sobre uma realidade concreta, onde interessa os problemas existências de cada vida, encontrada sobre as terras da existência. Pode-se dizer que, na sua perspectiva cristã, é uma religião que sai dos púlpitos dos altares, das sacristias, para inserir-se nas periferias existências. Ao mesmo tempo, cada cristão lida com sua fé, no seu momento singular, não na

¹⁰ Afinal, o que é um ser humano individual existente? (KIERKEGAARD, 2016, p. 72).

introspecção que leva ao individualismo, que buscar alcançar um deus imediatista.

Existem algumas amarras que geram complicações ao se falar da religião cristã. Dessas implicações, Kierkegaard era consciente, por isso, investigando os sistemas filosóficos e teológicos da época¹¹, ele encontra vários erros ao tratarem do cristianismo. Seja dentro do idealismo alemão, seja dentro de algumas correntes filosóficas, a partir do racionalismo, que buscou enquadrar toda a realidade a partir do empirismo lógico categórico. Outro problema, era a não seriedade com que tratavam o cristianismo os que se diziam cristãos. Tirando o princípio da seriedade e do compromisso, os cristãos estavam dados ou ao legalismo das normas ou ao laxismo.

Perdeu-se o desencanto, o mesmo que os primeiros discípulos haviam adquirido a partir da consciência de si, que tinham experimentado no Cristo. Era mais interessante revestir-se do aparente intelectualismo vigente, deixando transparecer os aspectos do conhecimento imediato. Afinal, as grandes guerras travadas se dão mais pelos senhores do poder, e conhecimento é um poder. Isso se aplica também aos que se dizem religiosos, revestem-se do poder temporal, na falsa expressão “escolhidos por Deus”, para implantarem

¹¹O cristianismo não é nenhuma doutrina sobre a unidade do divino com o humano, sobre sujeito-objeto, para nem mencionar às demais transcrições lógicas do cristianismo. Com efeito, se o cristianismo fosse uma doutrina então a relação para com ele não seria a da fé, pois, para com uma doutrina, só existe reação intelectual. O cristianismo, portanto, não é uma doutrina, mas o ato de que o deus tenha existido. Fé, então, não é uma lição (de casa) para iniciantes na esfera da intelectualidade, um asilo para cabeças fracas. Mas a fé é uma esfera por si, e todo mal-entendido sobre o cristianismo pode logo ser reconhecido por transformá-lo numa doutrina e introduzi-lo no âmbito da intelectualidade. (KIERKEGAARD, 2016, p. 42).

seus sistemas de morte e opressão, pois se dizem falar em nome Dele, porém, não passam de falsos profetas.

5 Ciência e Fé

Mas a própria razão nos trai. Se por um lado, temos as guerras religiosas, por outro, temos a aberração do mau uso da razão. Os artefatos das guerras não são ideias do racionalismo técnico? Não seria a razão louca a soprar demoniacamente os ouvidos dos líderes das nações para subjugarem outros povos ao seu domínio? Em nome da ciência e da técnica há mais indícios de morte do que da superação do sofrimento humano, temos cada vez mais um mundo desumano e menos fraterno. É preciso harmonizar ciência e fé. A verdadeira ciência que não se exalta, mas cuida da matéria humana, e a verdadeira fé, que não humilha, mas cuida das feridas do corpo e da alma. Portanto, para esse pensador dinamarquês, “o cristianismo é espírito, espírito é interioridade, interioridade é subjetividade, subjetividade é essencialmente paixão e, em seu máximo, uma paixão infinita e pessoalmente interessada na felicidade eterna” (KIERKEGAARD, 2013, p. 38), e no bem ao próximo, como testemunho credível.

Voltar às raízes do cristianismo primitivo, aquele apresentado pelo Cristo aos seus discípulos, está interessado Kierkegaard. A análise da compreensão do Cristianismo do Novo Testamento é o interesse desse filósofo. Essa temática é importante, tendo em vista que, o fenômeno religioso é algo latente na sociedade atual. Boa parte dos discursos da sociedade gira em torno de temas religiosos, sobretudo, quando se pensa a ética e os direitos humanos, a violência e paz, o outro e eu, enfim, é um assunto não fechado e que precisa ser investigado

para melhor ser apresentado em sua complexidade. Porque, o grande problema não é falar sobre as religiões ou sobre tal religião, nesse caso, o cristianismo, mas em ser de fato e ser coerente.

Essa problematização em Kierkegaard é extremamente importante, sobretudo, porque, em nosso tempo, surge constantemente a ideia de indivíduos isolados pelo hedonismo, individualismo extremo, autossuficiência gerada pelo poder aquisitivo. Tem-se, cada vez mais enfatizado a importância do sujeito ser o protagonista de si mesmo, de ser seu ator insubstituível, de modo especial, numa sociedade do espetáculo que busca figurar a realidade humana, dando a ela, segundo a lógica capitalista, tudo o que precisa. Assim sendo, pergunta-se, nos tempos hodiernos, o cristianismo é uma doutrina filosófica ou uma comunicação existencial? Ele é capaz de ajudar a resolver esse problema gerado pelo conhecimento capitalista ou está inserido nesse processo, em que em vez de apontar as falhas, falha ao se vê sucumbindo por esse processo mercantilista? Os que se dizem cristão, como reagem a essa época de mudança, onde é apresentado um cristianismo do relativismo, envernizado de um discurso acolhedor, mas que, no fundo, sucumbe a fé, em um lirismo das emoções?

6 Conclusão

O problema religioso não é uma temática ultrapassada, que diz respeito a uma realidade imediata ou que tenha pouca importância. Pensando no caso do Brasil, isto é, em nível de confissão cristão que, segundo o último senso de 2012, tem uma estimativa de 86,8%¹²,

¹² Cf.: *Religiões em Movimento: o censo de 2010*.

portanto, vê-se que é uma questão em aberta, não tão fácil de ser explicada, resolve-la é a necessidade de repensar os modelos religiosos que veem surgindo ao longo dos anos.

A abordagem kierkegaardiana a respeito do cristianismo é de fundamental importância para compreender o momento histórico-social, isto porque, a religião não está desassociada do cotidiano das pessoas. Visto ser uma experiência da revelação, encarnada, não nega as tramas existenciais das pessoas, mas busca um modo de ajudá-las a superar suas dificuldades. O cristianismo interpretado por Kierkegaard, e por toda uma tradição cristã, tem como característica o interesse pelo o indivíduo e sua realidade. É a partir dessa tomada de conhecimento, de quem é o outro em todas as suas condições de humano, que o cristianismo se manifesta, superando as contradições existenciais, propõe o conceito de felicidade eterna.

Esse indivíduo religioso não vê respostas prontas e acabadas. Sua dialética é paradoxal e não lógica. Isto significa afirmar que, os intermediários da vida, entenda-se por isso, as relações entre o devir e o ser, não se dão de forma linear, respondendo a todas as questões levantadas pelo ser na existência. Estando sempre em aberto, o indivíduo relaciona-se com o possível, algo que é contingente, não está dado como pronto ou acabado, mas lançado às coisas mundanas, como quem se lança ao mar, precisar aprender a remar contra as fortes ondas e suas correntezas. Há de fazer uma força superior, que o ajude a usar a consciência nesse momento dramático. Mas é verdade que este indivíduo é um lógico, e nesse dado momento, todo seu conhecimento, formado em categorias sistemáticas, não é capaz de salvá-lo do

sofrimento, da força contrária, que lhe suga as vitalidades físicas e as intelectuais, causando-lhe o desespero e o medo da morte por afogamento em si mesmo.

Surge, na elaboração do pensamento kierkegaardiano, o conceito de subjetividade¹³ como chave de leitura da existência. Nessa leitura o “eu” não é mais uma ideia metafísica, um pensamento puro, que pensa e abarca as coisas, dadas enquanto ideias do pensamento. A compreensão do “eu” passa pelo critério dialético da subjetividade, construído, a partir da interioridade singular do sujeito, que inserido na contrariedade de si mesmo, desmistificando-se do abstrato racional, elaborado pelo puro pensar, vê-se desamparado¹⁴, jogado no vazio existencial de ser existindo. O indivíduo não é, necessariamente, uma categoria do conhecimento, mas aquele que está lançado no mundo, mediante a categoria do sofrimento, pois esse confere sentido à realidade, visto que nos faz sentir a força da vida, quebrando a letargia, busca sentido em cada ato de existir. Como é construída essa subjetividade, segundo a antropologia kierkegaardiana, torna-se um forte indicativo da compreensão da força que o cristianismo exercerá sobre a vida do sujeito. Retirando-o dos conceitos metafísicos, que

¹³ A subjetividade é a verdade. Ao se relacionar a verdade essencial eterna com o existente, surge o paradoxo. Agora avancemos, admitamos que a verdade essencial eterna seja, ela mesma, o paradoxo. De que modo surge o paradoxo? Ao serem justapostos a verdade essencial eterna e o existir. Por conseguinte, quando os reunimos na própria verdade, a verdade se torna então um paradoxo. A verdade eterna surgiu no tempo. É isso o paradoxo. Se o sujeito acima mencionado foi impedido pelo pecado de retomar-se a si mesmo na eternidade, agora não deve mais se preocupar por causa disso, pois agora a verdade eterna, essencial, já não se encontra lá atrás, mas veio para a frente dele, pelo fato de ela mesma existir, ou ter existido, de modo que se o indivíduo, existindo, na existência, não alcançar a verdade, jamais a alcançará (KIERKEGAARD, 2013, p. 220).

¹⁴ Cf. SARTRE, 2016.

toda uma tradição filosófica se encarregou de traçar tanto sobre o homem tanto quanto sobre o cristianismo.

Ao ser tratada com um conhecimento mediato, a fé apresentada pelo cristianismo, foi subjugada como aporias. Incompatível como os interesses racionais, sendo colocada à margem do conhecimento, tornou-se periférica. Não sendo um conhecimento racional, interessa-se pelo sujeito, visto que sua abordagem investiga o eu interior, não *o cogito ergo sum*. Sua investigação que é uma relação com o eu sofrendo, pergunta pela existência para curar a dor na carne, não cura os problemas de ordem idealista, mas comunica-se numa dimensão existencial com seu interlocutor, que pergunta por seu lugar no mundo. Por isso, preferimos o pensamento kierkegaardianos a outros autores, pois ir à essência do surgimento dessas questões nos ajuda a compreender uma gama de grandes outros pensadores (na filosofia da religião, Feuerbach (1804 - 1872), Hegel (1770 - 1831), no existencialismo, Sartre (1905 - 1980), Nietzsche (1844 - 1900), na teologia, Karl Hahner (1904 - 1984), Karl Barth (1886 - 1968)) que pensaram, a partir de ou como Kierkegaard, as ideias como: indivíduo, subjetividade, possível, cristianismo, Deus, fé, Paradoxo, existencialismo, desespero, angústia, etc.

Referências

KIERKEGAARD, Soren. **As Obras do Amor**. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD, Soren. **Discursos Edificantes em Diversos Espíritos - 1847**. Trad. de Álvaro L. M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: Editora LiberArs, 2018.

KIERKEGAARD, Soren. **O Conceito de Angústia**. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Soren. **O Instante**. Trad. de Álvaro L. M. Valls e Márcio Gimenes de Paula. São Paulo: Editora LierArs, 2019.

KIERKEGAARD, Soren. **Ou – Ou: um fragmento de vida** (segunda parte). Trad. de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

KIERKEGAARD, Soren. **Pós-Escrito Conclusivo não Científico às Migalhas Filosóficas, Vol. II**. Trad. de Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almeida. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2016.

KIERKEGAARD, Soren. **Pós-Escrito Conclusivo não Científico às Migalhas Filosóficas, Vol. I**. Trad. de Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almeida. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. **Migalhas Filosóficas ou um Bocadinho de Filosofia de João Clímacus**. Trad. de Ernani Reichmann e Álvaro L. M. Valls. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad. J. B. Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

SILVA, Adenilton Moises da. **A Fé como Pressuposto para conhecer Deus em Kierkegaard**. 151f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2019.

STEWART, Jon. **Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da modernidade**. Trad. Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Religião em Movimento**: censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

Adenilton Moises da Silva

Licenciado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia (INSAF), graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia de Caruaru – PE, Ms. em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, tendo como tema “A fé como pressuposto para conhecer Deus em Kierkegaard; doutorando em Ciências da Religião pela UNICAP. Membro do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências da Religião, na UNICAP.

E-mail: adenilton.silva80@gmail.com

Submetido: 02/05/2020

Aprovado: 28/07/2020